

A IMPORTÂNCIA DO REGIONALISMO ARQUITETÔNICO NO ENSINO DE CONFORTO AMBIENTAL.

Marcondes Araujo Lima, MSc., PhD. em Arquitetura Bioclimática
Departamento de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal do Ceará
Rua José Vilar, 2671/ 303. Dionisio Torres - CEP 60125-001 Fortaleza -Ce.
Tel. (085) 261 3541. Fax (085) 243 4746

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o processo de produção industrial e o seu efeito no ambiente construído, tanto na escala local como regional. A industrialização é considerada aqui como uma das mais importantes forças de transformação da história moderna, tendo influenciado substancialmente a maneira como as pessoas se relacionam entre si, como elas se relacionam com o meio ambiente, e tem sido também uma das principais causas da urbanização. Será discutido o argumento de que as influências climáticas e geográficas no projeto do edifício tem diminuído sensivelmente com os efeitos universais da industrialização. As peculiaridades regionais, os valores e os costumes se tornaram cada vez menos marcantes; a posição geográfica de um lugar vem sendo visto com muita indiferença pelos arquitetos, como uma influencia sem valor para o ambiente construído.

ABSTRACT

This work deals with the industrialisation process and its effect on the built environment, at both local and regional scales. Industrialisation is seen here as one of the major changes in modern history. It has affected the way people relate to each other, the way they relate to the environment, and it has been a dominant cause of urbanisation. The argument discussed concerns the declining significance of climate and geography on the design of buildings as a general result of industrialisation. Regional values, peculiarities, habits and behavior have all been gradually cast aside; the geographic situation of a location is often negligently heeded by designers as an irrelevant effect to the built environment.

OS EFEITOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO

Num sentido mais amplo, Industrialização consiste num complexo processo que acompanha não somente a instalação de máquinas dentro do processo de produção, mas também o conseqüente desenvolvimento de um conjunto de técnicas de trabalho. Historicamente, a industrialização tem sido caracterizada pela obtenção e utilização de uma nova forma de energia (o carvão mineral), tendo a máquina como agente conversor do calor em energia mecânica. Esse fato substancialmente aumentou a capacidade produtiva e a riqueza de muitas sociedades.

Desde o início da Revolução Industrial no mundo, a produção de bens em geral tem crescido quase que numa taxa exponencial. Os novos materiais provenientes da indústria, que são utilizados nos edifícios contemporâneos, modificaram radicalmente a natureza material da arquitetura, quando comparamos as construções "leves" e *high-tech* do século XX com aquelas "sólidas" realizadas nos séculos passados por processos manuais e artesanais.

Com as mudanças trazidas pela industrialização nos métodos de produção, a tradicional auto-suficiência individual e familiar declinaram de maneira sensível, enquanto que a especialização, ou divisão do trabalho, se intensificou. Populações de trabalhadores rurais, dedicados à agricultura, tornaram-se assalariados no setor industrial, e emigraram para áreas urbanas, próximos de fábricas, canais ou depósitos de carvão.

A industrialização representa também uma mudança crítica no desenvolvimento do ambiente construído. Tendo suplantado gradualmente a agricultura como o setor dominante da economia, provocou alterações demográficas na estrutura espacial das cidades, tais como o acelerado crescimento populacional e a conseqüente expansão territorial e adensamento urbano.

Uma das principais características que a arquitetura praticada hoje tem é proveniente do fato dos materiais utilizados não serem produzidos localmente em pequenas escalas, mas resultarem de transformações intensamente associadas com a produção industrial, como é o caso de muitos elementos metálicos, aço, vidro, alumínio, cimento, etc.. Dessa forma, a arquitetura feita nesse século, após o advento da Revolução Industrial, assumiu a condição de ser moderna devido à maneira "industrial" de ser concebida e realizada, bem como pela forma de montagem de seus componentes.

O próprio método de trabalho do arquiteto foi fortemente afetado pela industrialização. TAFURI, (1980) sugere que após os anos de 1950, a prática arquitetônica transformou-se e ficou dominada não pelas idéias individuais dos arquitetos, com suas visões-de-mundo, mas por grandes escritórios nos quais as tarefas foram fragmentadas em verdadeiros padrões de produção seriada. Escritórios como S.O.M. (Skidmore, Owings & Merrill) se equiparam para trabalhar em alta velocidade e escala de

produção e atender as demandas por sofisticação tecnológica nos edifícios de forma tão anônima quanto as suas próprias intenções projetuais.

As características gerais dos espaços internos nos edifícios modernos se tornaram progressivamente mais uniforme e padronizado. As condições climáticas específicas da região e do local foram, por sua vez, gradualmente diminuindo de importância no projeto não afetando o objeto arquitetônico da maneira como sempre fizeram anteriormente. Com o recurso e assistência das novas formas de energia e sistemas prediais que se desenvolveram com o advento da Revolução Industrial, os usuários dos edifícios puderam se sentir confortáveis em qualquer situação, e hoje se encontra facilmente as mesmas condições ambientais quer se esteja num escritório, num apartamento, lojas, hotéis, hospitais, etc..

COMO PODE O REGIONALISMO RESISTIR?

Não existe uma resposta simples para a complexidade do problema do regionalismo. LIMA (1996) faz uma breve analogia entre as vantagens da diversidade cultural e da biodiversidade. Baseado no trabalho de BOURNE (1976), ele assinala que os sistemas ecológicos profusos com ampla biodiversidade, são auto-suficientes, levam muito tempo para maturar e caracterizam os ecossistemas mais eficientes, complexos e estáveis. A complexidade e rica diversidade, embora com um pequeno número em população de cada espécie integrante, assegura a sobrevivência de uma boa parte do sistema caso algum desequilíbrio ambiental aconteça.

A grande variedade de espécies representa um banco genético do qual novas espécies podem ser inclusive originadas, particularmente em tempos de mudanças nas condições ambientais prevalentes. Diferentemente a esses sistemas complexos, os sistemas do tipo monocultura são relativamente mais simples, e são portanto, mais vulneráveis a desaparecerem bem como mais suscetíveis de sofrer danos com qualquer mudança no ambiente.

Arquitetonicamente, experimentamos nesse último século, diversos casos de "monocultura" com exemplos numerosos em planos de conjuntos habitacionais e edifícios comerciais, que interrompem brutalmente o progresso da cultura local, e são vistos como estruturas opressoras às tradições e à vida comunitária.

O pensamento do arquiteto Egípcio, HASSAN FATHY (1986) parece ser muito relevante no sentido da revigoração da cultura local e dos fatores ligados ao regionalismo. Ele propõe que, por mais radical que seja uma mudança tecnológica ou econômica, ela tem que estar relacionada, dirigida e vinculada a um nível de mudança no próprio ser humano. Para Fathy, o arquiteto tem a posição privilegiada de continuar ou fazer reviver as ligações que as pessoas têm com suas culturas tradicionais.

Na opinião de Fathy, se o arquiteto revela os elementos admiráveis de um vocabulário tradicional dos métodos de construções locais, e os utiliza nos projetos que realiza, então as pessoas passam a admirar suas próprias manifestações e produtos com orgulho. No caso de confronto, onde os elementos regionais estão sendo ignorados ou desvalorizados, de repente, com as novas aplicações, tornam-se motivos de admiração e orgulho.

É muito importante a utilização de produtos e técnicas com as quais as pessoas do local sejam familiarizados e tenham domínio e capacidade de lidar e fazer. Dessa forma o artesanato é estimulado também a usar e desenvolver as formas tradicionais, porque o arquiteto usa e respeita, enquanto o cliente é colocado num contexto de entendimento e apreciação do trabalho do artesão e da mão-de-obra local.

O REGIONAL EXPRESSO NAS FORMAS E USOS DE ENERGIA

Por muito tempo na história da humanidade, a força dos músculos humanos e de animais se constituíram nos principais fornecedores de energia para a construção do espaço arquitetônico. Antes da Revolução Industrial, o controle sobre a disponibilidade de energia implicava diretamente em alguma forma de controle sobre a energia animal. Isso significa dizer que o uso de energia estava em função do poder de comando que alguém exercia sobre o corpo de outrem, via a exploração do trabalho escravo, ou o lombo de animais (cavalos, bois, mulas, etc.).

A forma, estrutura, tamanho e configuração das cidades anteriores à Revolução Industrial claramente refletem a quantidade e a forma da energia que elas dispunham. OWENS (1986) enfatiza que historicamente, tanto a qualidade quanto a disponibilidade de recursos energéticos afetaram a organização espacial da sociedade em todas as escalas. As pequenas ruas estreitas das cidades medievais, o agrupamento compacto das casas, lojas, e mercados eram construídos de uma determinada maneira porque representava a forma mais viável com as quantidades e usos de energia que as pessoas podiam obter naquele tempo.

Os seres humanos basicamente dispunham da energia de seus próprios corpos e dos animais domésticos para realizar trabalho, transportar os produtos e a si mesmos, não se fazia uso do fogo para executar trabalho. Todas as necessidades rotineiras da vida tinham que ser localizadas a partir de distâncias percorríveis a pé. O alcance territorial de um animal doméstico é algo que pode limitar as bordas urbanas e periferias nas quais uma cidade pode tirar seu suprimento de alimentos. Como na cidade pré-industrial não havia processos de refrigeração, a população dali tinha que ser alimentada por alimentos frescos produzidos numa distância, no máximo, correspondente a poucos dias de jornada num animal ou carroça.

O ambiente construído dessas cidades tinha uma escala humana inerente, pois sua estrutura, os espaços urbanos e os edifícios eram concebidos tendo como referência os atributos físicos e biológicos do corpo humano. A situação hoje é bem diferente daquela caracterizada pelas cidades pré-industriais, nossas metrópoles vem tomando como referência a capacidade mecânica da máquina (o elevador e o avião para subir, os tratores para abrir caminhos e dos automóveis para percorrer) no sentido de estruturar seus espaços. Há inúmeros exemplos desse modelo como são as cidades de Los Angeles, Brasília, etc..

A CULTURA INDUSTRIAL

O cenário das cidades pos-industriais é bem descrito por MEAD (1976), que ressalta a necessidade de se considerar todas as formas de assentamentos humanos, posto que as pessoas mudam do ambiente miserável de povoados rurais para as favelas das cidades inchadas. Esses imigrantes deixam para trás suas bases culturais para viver numa completa anonimidade, e com pouco nível de participação cívica, em cidades totalmente dominadas por carros, produtos industriais de consumo de massa e edifícios de estilo internacional.

Para COOK (1987), a cultura industrial é presentemente caracterizada pela trivialização internacional da vida humana. Ele cita que os edifícios do tipo "caixa de vidro" continuam a ser reproduzidos indistintamente como uma solução de projeto para todos os climas, e para todas as localidades, como um símbolo de modernidade, como uma imagem concreta da tecnologia ou ainda como o produto de uma riqueza irresponsável. Um exame um pouco mais criterioso nessa corrente arquitetônica, com base em princípios científicos, ecológicos ou intelectuais, revela quão banal essa arquitetura é quando comparada com outras alternativas.

É importante que o regionalismo seja encarado como uma força dinâmica e criativa que consiga incluir tanto o passado consciente, quanto a arquitetura vernacular praticada de forma anônima. Toda arquitetura que resulta da maneira nativa, típica de se construir em um determinado local deveria servir para inspirar essa nova síntese regional que interessa revigorar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão do regionalismo na arquitetura não se limita a repetição de meros aspectos ornamentais ou elementos de estilos, pois essencialmente o ser humano constrói edifícios para se proteger e se preservar, numa primeira instância, fisicamente, para o abrigo do seu corpo, mas igualmente no sentido espiritual para marcar a definição do território individual, consolidar valores, etc.. Assim, a motivação para a manutenção de uma cultura regionalista visa informar e enriquecer nossa sensibilidade e inteligência para o significado e importância da restauração e celebração da identidade de cada pessoa.

Esse fenômeno é sentido tão fortemente em tempos recentes, que movimentos regionalistas renovadores provocaram uma série extraordinária de conflitos, guerras e massacres em alguns países e comunidades. Alguns desses casos tem chegado a enormes tensões que inclusive ameaçaram a estabilidade de países como a Iugoslávia e a antiga União Soviética.

Incidentes dessa ordem são diretamente relacionados com problemas de autenticidade de expressão, individualidade, resgate da identidade regional e das peculiaridades do lugar e da cultura. As evidências sugerem que problemas dessa ordem poderão acompanhar ainda por mais tempo o confronto existente da industrialização com seu vetor dominante apontando para a criação de uma sociedade de massa "global".

Considerações sistematizadas sobre regionalismo devem fazer parte integrante do ensino de arquitetura afim de alertar o arquiteto e o estudante para questões conceituais e metodológicas no sentido da compreensão dos complexos fenômenos do meio ambiente e do ser humano para que estes possam estar capazes de fazer uma leitura mais clara e reconhecer os caminhos e os meios nos quais os esforços e os ideais das populações se manifestam e se relacionam com o ambiente físico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Tafuri, M. et al., (1980), *"Modern Architecture"*, traduzido do italiano por Robert E. Wolf. Academy Editions, London.
- Lima, Marcondes A. (1996), "The Development of Bioclimatic Design." Tese de Doutorado na Universidade de Queensland, Australia.
- Bourne, A.G., (1976) "The Ecological Basis of the Urban Situation", Editor P.Laconte, Proceedings of the Conference "The Environment of Human Settlements - Human Well-being in Cities" em Brussels, Belgica, Abril 1976. Pergamon Press. pp. 24-36.
- Fathy, H. 1986, *Natural energy and vernacular architecture: principles and examples*, edited by W. Shearer and Abd-el-rahman A. Sultan. University of Chicago Press.
- Owens, S. (1986) *"Energy, Planning and Urban Form"*, Pion Ltd, London.
- Mead, M., (1976) "Habitat" Editorial of Science - *American Association for the Advancement of Science*. Vol. 192, Nc. 4243. Junho. p 941.
- Cook, J., (1987) "Postindustrial Regionalist Architecture" *Journal of Architectural Education*, Vol. 41, N. 1, Fall. pp. 62-64.